

O direito à dimensão existencial nas cidades.

Uma proposta a partir dos processos de reabilitação no Centro Histórico de Évora

The right to the existential dimension in the cities. A proposal through the rehabilitation processes in the Historic Centre of Évora.

Susana Sanches Mourão¹

Resumo

A partir dos projetos de reabilitação no Centro Histórico de Évora, propõe-se romper o silêncio sobre a dimensão existencial dos moradores, no âmbito do processo de reabilitação das suas casas. Esta proposta questiona os projetos de reabilitação de espaços vazios quando eles estão cheios de “coisas”, onde os moradores se orientam e identificam com os seus significados existenciais.

Assim, através dos significados existenciais das “coisas”, reivindica-se o direito à dimensão existencial nas cidades, porque reabilitar a existência de um lugar é sinónimo de reabilitar o corpo de quem habita.

Palavras-chave

Projeto de reabilitação, processo de reabilitação, dimensão existencial

Abstract

Based on rehabilitation projects in the Historic Centre of Évora, it is aimed to know the existential dimension of its residents, as part of the rehabilitation process of their homes.

This proposal questions the rehabilitation of empty spaces that are filled with “things”, where the locals guide and identify themselves with their existential meanings.

Thus, through the existential meanings of this “things”, the right to the existential dimension in the cities is claimed, because to rehabilitate the existence of a place is equivalent to rehabilitate the body of one who dwells.

Keywords

Architecture projects, rehabilitation process, existential dimension

Introdução

A degradação dos edifícios arrendados é um dos principais problemas habitacionais, nas áreas antigas das cidades, como é o caso do Centro Histórico de Évora (CHE). Para a reabilitação destes edifícios habitados, são elaborados projetos de arquitetura condicionados às regras urbanísticas do Plano de Urbanização de Évora (PUE), que é um instrumento dominante na intervenção na cidade.

Assim, na primeira parte deste artigo, vamos dar a conhecer a política de salvaguarda e valorização patrimonial para o CHE, assim como, o programa REHABITA (Regime de Apoio à Recuperação Habitacional em áreas Urbanas Antigas) que constitui um apoio à recuperação habitacional de edifícios arrendados e as metodologias desenvolvidas no âmbito da implementação deste programa.

Na segunda parte, vamos apresentar o processo de reabilitação da Rua do Cano 75, para questionar o seu projeto de arquitetura de espaço vazio, de

acordo com a política de salvaguarda e valorização do CHE, através da riqueza sociológica do processo de reabilitação, centrado na corporeidade da moradora com as suas “coisas” e a sua casa.

1. A política de salvaguarda e valorização patrimonial

No Plano Urbanização de Évora (PUE), o Centro Histórico de Évora (CHE) é objeto de uma política de salvaguarda e valorização patrimonial, enquanto conjunto de grande valor patrimonial e “elemento primordial de estruturação, caracterização e identificação da cidade de Évora” (PUE, artº8, nº1).

Este conjunto de valor patrimonial coincide com o espaço classificado como Património Mundial da UNESCO em 26 de Novembro de 1986, onde estão localizados “35 imóveis classificados por decreto, entre 190 elementos de valor patrimonial” (PUE, artº8, nº1).

¹ Socióloga e doutoranda no Programa de Doutoramento em Estudos Urbanos (do ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa e da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, FCSH-UNL). E-mail: susmourao@gmail.com.

Para além da vocação patrimonial, o CHE deverá manter por um lado, a sua plurifuncionalidade e por outro, todas as “obras relativas a edificações deverão procurar compatibilizar uma atitude de salvaguarda e valorização do património com o objetivo de dotar todos os edifícios de boas condições de habitabilidade” (PUE, art.º 8, n.º1).

No Plano de Urbanização de Évora o património é definido como “todos os espaços, conjuntos, edifícios ou elementos pontuais cujas características morfológicas, ambientais ou arquitetónicas se pretende preservar e como tal sejam identificados” (PUE, art.º5, n.º1), conforme a Carta de valores patrimoniais, na figura n.º1.

A salvaguarda e valorização patrimonial é concebida como a “preservação do carácter e dos elementos determinantes que constituem a sua imagem adaptando-os à vida contemporânea” (PUE, art.º5, n.º1), sendo todas as intervenções condicionadas “em função do património, das transformações do seu espaço envolvente” (PUE, art.º7, n.º1).

Os imóveis classificados como Monumentos Nacionais (MN, IIP, IVC²) no CHE, poderão

ser objeto de “obras de conservação, restauro e eventualmente de reabilitação” (PUE, art.º 13) e os imóveis classificados como E1, E2³ poderão ser objeto de “obras de conservação, restauro e reabilitação, com preservação integral da fachada” (PUE, art.º14, n.º1, alínea b), assim como, as edificações classificadas como E3 poderão ser objeto de “obras de conservação, restauro e reabilitação que poderão estender-se à fachada” (PUE, art.º 14, n.º2). Por outro lado, existem fachadas de valor patrimonial classificadas de F1 e F2⁴, que deverão ser preservadas ou sofrer alterações controladas, respetivamente (PUE, art.º 15, n.º1 e 2).

Para além do edificado, existem zonas verdes de valor patrimonial V1 e V2⁵ (PUE, art.º 16, n.º1) que deverão ser preservadas com as características da época ou épocas de construção. Contudo, todo o CHE deverá ter acompanhamento histórico/arqueológico nas intervenções no subsolo e nas estruturas dos edifícios (PUE, art.º 17, n.º1).

Por último, existem elementos de valor patrimonial, com classificação de P, que deverão ser conservados e valorizados, como chaminés,

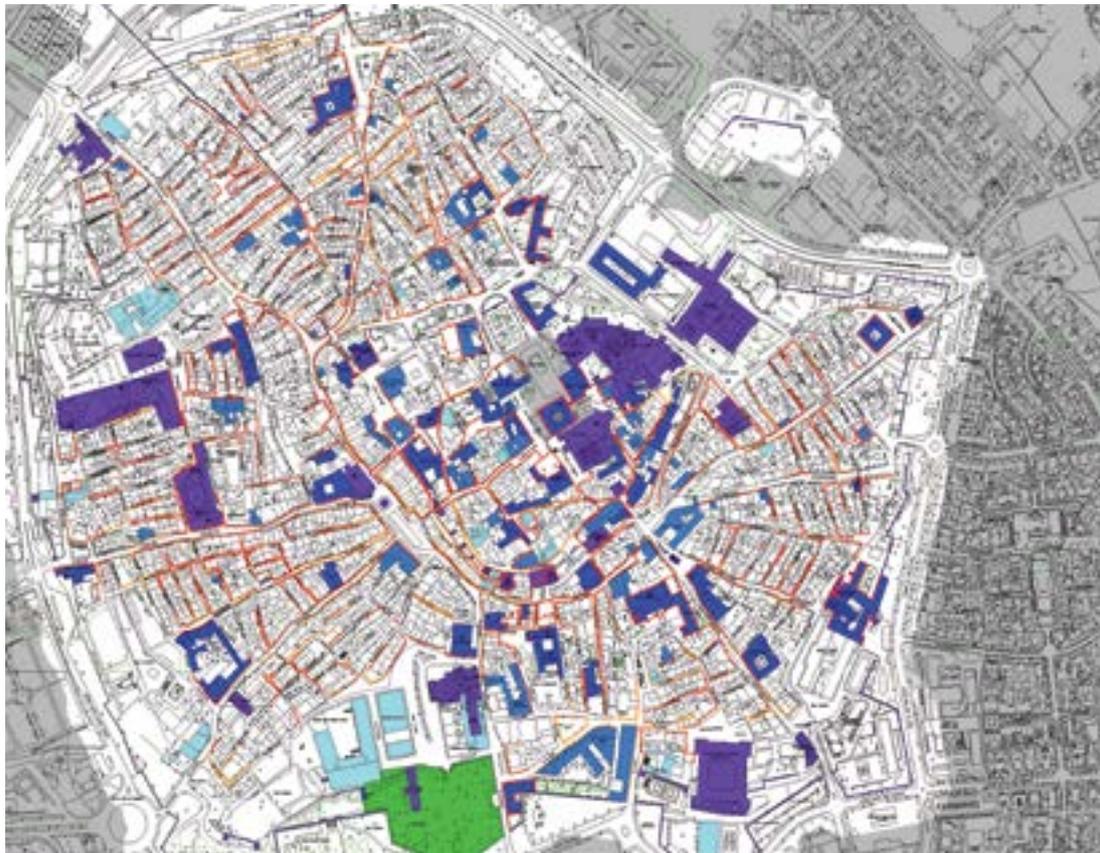


Figura 1 – Carta de valores patrimoniais

Fonte: Elaborado por Arq. Eduardo Miranda, Câmara Municipal de Évora, 2012

² MN (Monumentos Nacionais Classificados por Decreto) IIP (Imóveis interesse público classificado por decreto) IVC (Imóveis de valor concelho classificados por decreto).

³ E1, E2 e E3 (edificações de valor patrimonial subdivididas de acordo com o seu valor patrimonial).

⁴ F1 e F2 (Fachadas de valor patrimonial subdivididas de acordo com o seu valor patrimonial).

⁵ V1 e V2 (zonas verdes de valor patrimonial subdivididas de acordo com o seu valor patrimonial).

grades de ferro decoradas em varandas, açoteias, mirantes, etc.

Resumindo, todas as intervenções no CHE seguem com rigor um projeto de arquitetura, de acordo com as regras urbanísticas de conservação, restauro, recuperação e reabilitação do seu património arquitetónico. Neste sentido, é possível a adaptação do seu património à vida contemporânea, desde que, a solução projetada não contrarie as razões que determinaram a classificação, isto é, o carácter visual do seu património arquitetónico.

Neste contexto, o Centro Histórico de Évora é objeto de programas específicos de salvaguarda e valorização patrimonial (PUE, artº8, nº3).

1.1.O REHABITA⁶: um programa de salvaguarda e valorização do Centro Histórico de Évora

O CHE é um centro urbano único pelo seu valor patrimonial e onde habitam pessoas, nomeadamente, nos locais de “arquitetura menor, dos séculos. XVI, XVII e XVIII que se exprime globalmente num conjunto de casas térreas, brancas de cal, cobertas de telhas ou terraços, apertadas ao longo de ruas estreitas que seguem a estrutura medieval no núcleo antigo e ilustram o crescimento concêntrico até séc. XVII” (PUE, artº8, nº3).

Para conhecer as condições de habitabilidade do CHE, a Câmara Municipal de Évora (CME) realizou um levantamento em (2001), através da aplicação de um questionário porta a porta, e conclui, que os edifícios em mau estado de conservação, eram habitados por:

- pessoas que residem há mais de 40 anos – 38% da população residente;
- pessoas residentes com mais de 65 anos – 40% da população;
- pessoas residentes com contratos de arrendamento muitos antigos – 38% da população;
- pessoas residentes com rendimentos inferiores a um salário mínimo nacional (SMN)- 36% da população.

Em 2002, a CME celebrou o acordo de colaboração com o Instituto Nacional de Habitação (INH) hoje, Instituto de Habitação e Reabilitação Urbana (IHRU) e os proprietários dos edifícios, para a implementação do Programa REHABITA. Assim, o Município criou condições para a reabilitação dos imóveis degradados, cujos moradores residem há mais de 40 anos, com mais de 65 anos, com rendimentos inferiores a 1 SMN e sobretudo, inquilinos com contrato de arren-

damento muito antigos (sobretudo anteriores a 1980) e com rendas muito baixas.

O REHABITA (2002-2012) apoiou a conservação de 29 edifícios, isto é, obras sem “qualquer tipo de modificação dos seus elementos estruturais, acabamentos exteriores, compartimentação interna e respetivos usos” (PGU, art.º 4, alínea e). Estas obras não necessitaram de licenciamento, mas foram comunicadas previamente à CME e Direção Regional de Cultura do Alentejo (DRCA).

Por outro lado, o REHABITA apoiou a reabilitação de 14 edifícios, com obras de “alteração e ou ampliação com conservação de elementos estruturais e decorativos de interesse, destinadas a adaptar o imóvel a um novo uso ou a melhorar a sua utilização” (PGU, artº4, alínea g). Estas obras necessitaram de licenciamento, através da realização de projetos de arquitetura, estruturas, infraestruturas e diversas especialidades. Para a execução das obras de reabilitação, os moradores arrendatários foram realojados temporariamente⁷, e com o término das obras de reabilitação, regressaram às suas casas. (12 agregados familiares que correspondeu a 17 moradores).

1.2. Da Metodologia participativa à metodologia exploratória

Para a implementação do REHABITA (2002-2012), recorreu-se à metodologia participativa de projeto, apresentada por Isabel Guerra (2001) no livro Fundamentos e Processos de Uma Sociologia da Acção, O planeamento em Ciências Sociais, porque era essencial, a participação de todos os interessados, como os técnicos do IHRU e da CME, os proprietários, os arquitetos (contratados pelos proprietários) e os moradores arrendatários. Com a gestão participativa, foi possível a realização de projetos de reabilitação, de acordo com a política de salvaguarda e valorização patrimonial, e a realização de candidaturas para o financiamento do programa REHABITA.

Os moradores arrendatários (destinatários diretos deste programa), não foram apenas observadores na realização dos projetos de arquitetura, mas sujeitos participantes em todas as etapas do seu processo de reabilitação. A participação foi longa no tempo (2 a 4 anos), nomeadamente na elaboração dos projetos e do financiamento REHABITA. Durante este tempo, a gestão participativa transformou-se em gestão relacional, através do envolvimento gerado entre todos para o mesmo fim: a reabilitação do edificado. Por outro lado, a gestão relacional permitiu conhecer os comportamentos de desorientação,

⁶ Regime de Apoio à Recuperação Habitacional em Áreas Urbanas Antigas, que apoiou financeiramente as Câmaras Municipais na recuperação de zonas antigas, através da celebração de acordos de colaboração entre as Câmaras Municipais e o Instituto Nacional de Habitação, de acordo com o Decreto-Lei nº329-B/2000, de 22 de Dezembro

⁷ Foram realojados 12 agregados familiares e apenas 9 agregados regressaram às suas casas.

angústia, ansiedade, tristeza, melancolia, choro, dúvidas, revolta e incerteza, isto é, os moradores revelaram a sua subjetividade durante o processo de realojamento (Dubet, 1996).

Neste sentido, podemos afirmar que estamos perante o paradoxo do “projeto” apresentado por Guerra (2001), que por um lado tem uma dimensão racional de controlar o futuro desejável, mas por outro, uma dimensão existencial feita de interrogações e incertezas quanto ao mesmo futuro. Assim, para entender a dimensão existencial dos projetos, foram realizadas práticas audiovisuais exploratórias (2006-2012) em torno da corporeidade dos moradores, isto é, a dimensão expressiva e experiencial do corpo, apresentada por Falk, (citado por Fortuna, 2013, p. 7). Para a realização das filmagens segundo o método exploratório, Ribeiro (2004) defende o bom conhecimento dos lugares e das pessoas. No contexto do estudo que agora damos a conhecer, o bom conhecimento em torno dos processos de reabilitação foi indispensável para a organização do guião; assim sendo, teve-se em conta as várias fases de reabilitação das casas: na preparação do realojamento, na casa temporária, na casa vazia, na casa em obras e no regresso à casa.

Por outro lado, a colaboração de Marta Galvão Lucas, escultora, foi essencial, para a mobilidade e adaptação da câmara de filmar⁸ à corporeidade dos moradores, (Ribeiro, 2004) e assim se adotou uma postura de sujeitos implicados nos processos de reabilitação. Assim, convidamos 9 agregados familiares para a realização das filmagens (2007 - 2012), mas apenas 7 aceitaram o desafio. Em 2012, apenas uma prática audiovisual terminou (Rua do Cano 75), um agregado familiar não aceitou a publicação das filmagens, e 5 encontram-se em edição (Pátio das Alcaçarias 10).

2. O processo de reabilitação na Rua do Cano 75, em Évora

Em 2001, a moradora arrendatária na Rua do Cano 75, enviou uma carta à CME sobre as más condições de habitabilidade em

que vivia. Em 2006, o processo de reabilitação começou no âmbito do programa REHABITA. Este edifício está inserido em zona de contígua ao Monumento Nacional do Aqueduto da Água de Prata, cuja fachada Classificada está como F1, sendo que deverá ser preservada. Apesar de ter 2 pisos, o edifício é de influência rural, com 70 m², ocupando um lote de 3,5 m de largura e 10 m de comprimento.

De acordo com o projeto de arquitetura deste edifício (Figura 2), o espaço é delimitado pelas paredes estruturais, tem uma fachada com poucas aberturas, apenas a porta de entrada e uma janela no 1º piso, um poço e uma chaminé no rés-do-chão. Na fachada é marcante a chaminé alta, sem elementos decorativos e uma meia porta. Para a reabilitação do edifício, o projeto de arquitetura direcionou-se na criação de um saguão para a entrada de luz natural e ventilação do edifício, para a construção de uma casa de banho e de uma cozinha que não existia, e alterou a escada de acesso ao piso 1.

Neste sentido, manteve-se a estrutura do edifício e adaptou-se a cobertura para criar o

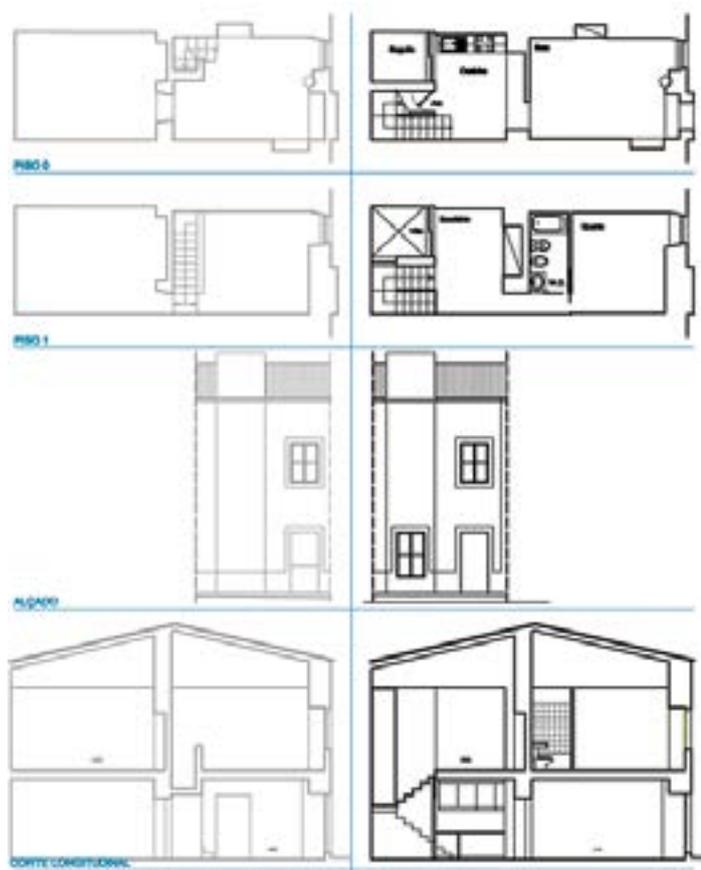


Figura 2 – O projeto existente

Fonte: Arquiteto Pedro Marques, autor do projeto, 2006

⁸ Câmara de filmar Sony, Digital Handycam e cassetes Mini DV.

saguão e melhorar as condições de isolamento térmico. Manteve-se ainda o tipo de telha com particular preocupação na inclusão de rulos e caleiras. Quanto à fachada é mantida na sua essência, mas propõe a construção de uma janela no piso 0, idêntica à existente no piso 1.

Com esta intervenção, pretende-se ao nível do piso 0 uma sala e cozinha e ao nível do piso 1 um quarto, a casa de banho e um pequeno espaço multifuncional. (Figura 2)

Assim, a partir da análise da Figura 2, podemos afirmar que este projeto de arquitetura projeta um espaço de acordo com a política de salvaguarda e valorização patrimonial no CHE. Por outro lado, a representação do espaço existente corresponde ao “espaço abstrato” de Lefebvre (2006), sem corpo, sem tempo, neutro e vazio, que se projeta numa habitação, de acordo com as funções contemporâneas de habitar.

Antes das obras, entramos na meia porta da Rua do Cano 75, e verificamos, que estava cheio de “coisas” como móveis, roupas, utensílios e objetos. (Figura 3)

Estas “coisas” são de Henriqueta Vieira Santos, que nasceu nesta casa em 5 de Junho de 1931. Desde este dia que Henriqueta habita nesta casa.

Em 2007, com 77 anos de idade, ela mudou-se pela primeira vez da casa onde nasceu e sempre viveu, porque a sua casa não tinha condições de habitabilidade. A moradora aceitou ser filmada no âmbito do processo de reabilitação da sua casa.

2.1 A descoberta da dimensão existencial nesta casa

Enquanto preparou a sua mudança, Henriqueta relacionou-se e expressou-se através dos seus móveis, roupas, utensílios e objetos. Ela teve consciência (Damásio, 1999) que tinha muitas “coisas”, como no roupeiro que estava cheio de roupa:

“... olhe como isto está tudo, olhe como isto está tudo, olhe como isto está tudo (abre gavetas) olhe, não me lembrava desta blusa, até fato de banho tenho... olhe lá o que aqui vai, está tudo limpinho e estão arrumadinhas, ou não? Olhe camisas de dormir, coisas de seda... depois é a minha irmã, uma blusa não lhe serve, toma lá, outra blusa não lhe serve, toma lá, e aqui ajunto estas coisas todas ...olhe para isto



Figura 3 – Uma casa cheia de “coisas”

Fonte: Henriqueta, uma cartografia íntima 2008 | 2012, <http://vimeo.com/68550730>

(blusas nos cabides) olhe para isto, olhe, olhe, esta blusa trouxeram da ilha da madeira o bordado e depois eu mandei fazer, é muito bonita, quando vou ao médico e assim....tenho aqui coisas que não estrio, ainda tenho sapatos da minha mãe, veja lá (abre uma caixa) estes aqui são para quando eu morrer, já disse às minhas irmãs (abre outra caixa) outros novos (abre outra caixa) olhe, estes são da minha mãe, eu tenho pena de aventar fora, mas não me servem, coitadinha da minha mãe, morreu sem uma perna (abre outra caixa) ...”

Fonte: Henriqueta, uma cartografia íntima 2008 | 2012,
<http://vimeo.com/68550730>

Henriqueta repetiu compulsivamente “...olhe, olhe, olhe para isto...”, mas o roupeiro não era apenas um espaço para acumular “roupas”, mas também um espaço de ordem qualitativa porque eram as suas roupas guardadas, ao longo do tempo. O carácter deste roupeiro não era apenas uma imagem “... olhe, olhe, olhe para isto...”, mas um carácter significativo⁹, que segundo Schulz (1984) fazem parte da sua experiência quotidiana. Assim, contrariando a representação do espaço abstrato, o existente no projeto de arquitetura, encontramos um espaço vivido que segundo Lefebvre (2006) é corporal, temporal, significativo e cheio de “coisas”.

Henriqueta tinha duas camas no seu quarto e só podia levar uma, porque o quarto da habitação temporária era pequeno. Assim, ela escolheu a cama que era da sua mãe, porque era a mais pequena:

“...está a ver, pintei a minha caminha, esta cama era a da minha mãe, nunca a desmanchei, veja lá, esteve aqui, sempre ao meu lado, é verdade, e também só agora a desmanchei, a mesinha de cabeceira, ainda estava tudo igual como ela montou, com os retratos dos netos, estava tudo aí...”

Fonte: “Henriqueta, uma cartografia íntima” 2008-2012,
<http://vimeo.com/68640949>

A partir desta experiência, descobrimos a estabilidade das “coisas” da sua casa, porque pela primeira vez, a moradora tirou a cama que era da sua mãe, do lugar onde sempre esteve. Para Damásio (2013) a estabilidade dos objetos é essencial para o desenvolvido do sentido de *self* (num momento - agora - e num lugar - aqui) e neste contexto, o sentido de *self* de Henriqueta esteve sempre ligado à estabilidade das suas “coisas” na sua casa. Por outro lado, nesta casa apenas o corpo de Henriqueta se orienta na sua casa e apenas a sua consciência se identifica com os significados existenciais das suas “coisas”, e com Henriqueta descobrimos a dimensão existencial do lugar, defendida por Schulz (1984).



Figura 4 – A descoberta da dimensão existencial do lugar

Fonte: “Henriqueta, uma cartografia íntima” 2008 - 2012,
<http://vimeo.com/68640949>

Para a casa temporária, começou por levar um quadro cheio de fotografias da sua família. Henriqueta, emocionada e com uma vassoura na mão, identificou a sua família:

“... esta é a minha irmã, estas são as minhas sobrinhas, este é o meu pai e a minha mãe, esta é a filha da minha irmã, que está doente, este é o meu irmão que está doente e viúvo ... aqui está a minha irmã vestida de preto quando tirou o bilhete de identidade de viúva ... e aqui, é a minha sobrinha quando teve o bebé (ri-se) que tiram quando estava no hospital, e ela deu-me esta fotografia ... esta é minha sobrinha, que eu criei lá, que casou com este senhor muito mais velho, e ali a minha mãe e o meu pai, este é que é o meu sobrinho, o tal que me quer ajudar às coisas, e esta é a mão das gaiatas, desta e desta, a Beatriz e a outra não me lembro do nome dela ...»

Fonte: “Henriqueta, uma cartografia íntima” 2008-2012,
<http://vimeo.com/68640949>

Segundo Damásio (2013), os objetos têm a capacidade de despertar emoções fortes e evocam memórias, e neste sentido, através do quadro de fotografias, Henriqueta recordou os principais aspetos da sua biografia: quem foram os seus pais, os seus irmãos, os seus sobrinhos. Com estas “coisas”, podemos afirmar que, Henriqueta preparou uma certa estabilidade existencial, que

⁹ Visualization, complementation and symbolization are aspects of the general processes of settling; and dwelling, in existential sense of the word, depends on these functions.” in Schulz, 1984, p. 14.

para Damásio (2013) e Schulz (1984), a estabilidade ou *stabilitas loci*, é essencial em contextos de mudança, como no realojamento. Contudo, a moradora manifestou emoções através das suas palavras, do seu olhar aguado, do sorriso no rosto, do tom de voz:

“Isto dá-me uma tristeza, isto dá-me uma tristeza, não vejo uma casa arranjada, não vejo... isto tem que ser aos poucos e poucos... as minhas vizinhas já me disseram, Henriqueta nós vamos estranhar muito... a casa está quase composta, os meus retratinhos da minha família...”

Fonte: “Henriqueta, uma cartografia íntima” 2008 - 2012, <http://vimeo.com/68554733>

Henriqueta expressou emoções de tristeza, ansiedade, melancolia, desorientação e perda, porque a sua casa foi ficando vazia. Segundo Baudrillard (1973) as ruturas provocadas nos ritmos de vida quotidiana tem consequências psicológicas profundas, e neste sentido, o realojamento provocou uma rutura no quotidiano de Henriqueta com a sua casa e as “coisas”, e ela revelou a sua instabilidade existencial. Ao longo da corporeidade de Henriqueta manifesta nos gestos e no uso quotidiano com os seus móveis, as roupas, os utensílios e os objetos, podemos afirmar, que as suas “coisas” na sua casa foram a extensão do seu corpo, porque existir num lugar, segundo Breton (2007), é sempre corporal. Por outro lado, a relação antropomórfica com a sua casa, através da presença das suas “coisas” alterou-se numa ausência, isto é, a sua casa sem as “coisas”. E neste contexto, o seu sentido de self (num momento - agora - e num lugar - aqui) está em constante interrogação, entre o passado vivido e o futuro que antecipa para a sua casa. (Damásio, 2013)

2.2. A emergência da dimensão existencial

Henriqueta nunca sentiu a sua casa vazia sem as suas “coisas”. Henriqueta abriu a meia porta da sua casa, e começou a chorar e a limpar as suas lágrimas:

“Ai a minha casa, ai a minha casa (chora, limpa o rosto, silêncio)...”

Fonte: “Henriqueta, uma cartografia íntima” 2008 - 2012, <http://vimeo.com/68844274>

Dentro da sua casa, apenas ficaram as marcas deixadas pelos móveis e o poço. Henriqueta recorda momentos:

“Graças a deus ninguém teve tendência para se deitar dentro do poço, depois eu não sei como os bombeiros tiravam daí uma pessoa... vamos lá espreitar se o poço tem muita água (atira uma pedra e ri-se) mas tem água...”

Fonte: “Henriqueta, uma cartografia íntima” 2008 - 2012, <http://vimeo.com/68844274>

Henriqueta continuou chorosa e limpou as lágrimas. Na sua casa vazia, ela manifestou a sua individualidade (Damásio, 2013) onde a sua casa foi sinónimo da sua estabilidade:

“... Esta casa era uma manjedoura, tinha aqui uma manjedoura e era uma casa de peles, para forrarem de peles, e compravam peles e curavam com sal, e a minha mãe está claro, quando casou com o meu pai, para aqui veio, aqui criaram toda a gente e aqui casaram, e eu fiquei (chora e silêncio)”

Fonte: “Henriqueta, uma cartografia íntima” 2008 - 2012, <http://vimeo.com/68844274>

Henriqueta está a despedir-se da sua casa, este tempo e espaço, do aqui e agora, já é outro... aquela dimensão existencial já faz parte do seu *self* autobiográfico e neste sentido, ela apenas se orienta e identifica através da memória daquele lugar. Na sua casa vazia, este tempo e espaço existencial é como uma viagem entre o seu *self* autobiográfico para um futuro incerto, cheio de desorientações, desejos, anseios e muitas dúvidas...

Neste momento, a relação antropomórfica de Henriqueta com a sua casa é através de um projecto. O Arquitecto Pedro Marques explicou-lhe como vai ser a sua casa, mas Henriqueta contou as suas origens e questionou o futuro da sua casa, através das suas camas:

“... (no quarto) esta casa não tinha água, não tinha luz, não tinha vidros na janela, não tinha o corrimão, lá em baixo era uma manjedoura, quer dizer, a minha mãe casou para aqui, aqui teve tantos filhos, e casaram os meus irmãos, eu fiquei solteira, a sofrer isto tudo, está a perceber, e morreram os meus pais...”

Fonte: “Henriqueta, uma cartografia íntima” 2008 - 2012, <http://vimeo.com/68844274>

Com a projecção das “coisas”, Henriqueta teve consciência do futuro da sua casa. Por outro lado, com a proximidade do realojamento, ela manteve as suas relações de vizinhança e acompanhou as obras de reabilitação. Ao acompanhar as transformações da sua casa, Henriqueta foi concretizando o seu desejo de habitar, ao mes-

mo tempo que projectava a localização das suas “coisas” na sua casa. Neste sentido, podemos afirmar que reabilitar foi sinónimo de habitar, ora vejamos:

“... já derrubaram um bocado da parede da chaminé, ainda bem, a ver se tenho a minha porta sempre fechada, a porta fica no mesmo tamanho, não fica meia porta ... estou muito bem (casa temporária) estou com a porta sempre fechada, aqui levantavam sempre a cortina e espreitar, a mim não me fazia diferença ... já moram aqui há tantos anos, isto é quase tudo uma família ...”

Fonte: “Henriqueta, uma cartografia íntima” 2008 - 2012, <http://vimeo.com/68642524>

Em 2012, Henriqueta regressou à sua casa. Com ela vieram as suas “coisas”, que a acompanharam durante o processo de reabilitação da sua casa, sobretudo aquelas que apoiaram a sua “estabilidade existencial”, como o quadro de fotografias da sua família. Este quadro foi colocado novamente na sala e a moradora fala novamente da sua família:

“... aqui, é o meu irmão quando andava na tropa, este o Zé Manuel, este que está aqui, esta era a minha São, olha lá o cabelo (ri-se) tinha o cabelo tão ondulado, não gostava nada de se pentear, ali é a minha mãe com a primeira neta ao colo, aquele é o meu irmão que faleceu, ali são as minhas sobrinhas, esta é aquela que toda coisa, cheia de energia, sempre foi gorda ... Estas duas aqui são filhas dela, esta e esta são filhas dela, este é o meu pai e a minha mãe, ai...tenho uma família tão grande tão grande...”

Fonte: “Henriqueta, uma cartografia íntima” 2008 - 2012, <http://vimeo.com/68642524>

Segundo Henriqueta, a sua casa ficou decorada com fotografias, e através delas, ela recordou o momento em que foram tiradas e como era a sua casa antes das obras:

“A minha casa está composta só de retratos, só de retratos ... olha, além é o meu João, coitadinho andavam ali uma pessoas a tirar umas fotografias, e eu tinha-o cá, e havia uma ao lado aqui assim, onde eu tinha a máquina e desviei a máquina para onde eu fazia o comer, e pu-la ali a um canto, andavam ali uns senhores à pergunta de quem queria tirar retratos cá em casa, e eu mandei cá o senhor e estava a dar de comer ao meu João, e eu tinha esta camila com este pano até, (mostra a fotografia no porta retrato) e tinha aqui o meu João, que agora está a tirar o mestrado, e eu estava a dar-lhe de



Figura 5 – A despedida da casa

Fonte: “Henriqueta, uma cartografia íntima” 2008 - 2012 <http://vimeo.com/68642524>

comer esta é a minha sobrinha que me ajuda também..”

Fonte: “Henriqueta, uma cartografia íntima” 2008 - 2012, <http://vimeo.com/68858065>

Henriqueta também comprou “coisas” novas, como o fogão e já sabe trabalhar com ele:

“o nove é o máximo... este é melhor que este...”

Fonte: “Henriqueta, uma cartografia íntima” 2008 | 2012, <http://vimeo.com/68858065>

Henriqueta tem uma relação muito forte com a sua roupa. Ela tem consciência que tem muitas “coisas”, mas são dela:

“É assim... já disse às minhas sobrinhas, não achem nada para o lixo, que eu estimava a minha roupa (silêncio) dêem às cáritas, foi o que a minha sobrinha fez com a minha irmã, deu sacos e sacos de roupa (silêncio) eu ainda tenho algumas coisas dela, minha sobrinha também me deu algumas coisas da minha irmã (silêncio)... sinto falta das coisas...minha irmã diz que as coisas chegam-me bem para mim, é verdade, de certa forma eu estou sozinha...”

Fonte “Henriqueta, uma cartografia íntima” 2008 | 2012, <http://vimeo.com/68858065>

O corpo de Henriqueta sente falta da meia porta, porque ela tinha a porta sempre aberta, e agora tem a porta sempre fechada:

“... a minha meia porta, a minha mãe bastante fotografias lhe tiravam ali, até os estrangeiros lhe tiravam retratos à minha mãe, é verdade, até os estrangeiros (silêncio)... Mas estranho a meia porta, estranho a meia porta, estou sempre aqui fechada, esta gente nem sabe que eu cá estou, pois, se não batem à porta...às vezes abro a porta, elas dizem, não abra a porta vá à janela, olhe que isto anda aí uma vadiagem, senão qualquer dia, empurraram-na e deixam-na cair e fazem-lhe mal e está aqui sozinha, mas por enquanto não ..”

Fonte “Henriqueta, uma cartografia íntima” 2008 | 2012,
<http://vimeo.com/68858065>

Por outro lado, Henriqueta reclama das paredes brancas:

“Pois, isto agora das paredes, eu quero coisas nas paredes, isto parece uma casa não sei de que não ter nada nas paredes, as coisas nas paredes também compõem as casas? (silêncio)”

Fonte “Henriqueta, uma cartografia íntima” 2008 | 2012,
<http://vimeo.com/68858065>

O corpo de Henriqueta sente falta da meia porta, porque ela tinha a porta sempre aberta, e agora tem a porta sempre fechada.



Figura 6 – O regresso à casa

Fonte: “Henriqueta, uma cartografia íntima” 2008 | 2012,
<http://vimeo.com/68858065>

Após 6 meses do regresso definitivo, Henriqueta continuou em adaptação às novas funções da sua casa. Ela fala das suas “coisas”, dos seus móveis, dos seus utensílios, das suas roupas e dos seus objetos que não fazem parte da sua casa reabilitada. As suas “coisas” que perderam a sua função e o uso foram deitadas para o lixo, pela sua família. A moradora deixou de sentir as suas “coisas” por perto. Ela sentiu falta porque não estão ali. Como a meia porta que estava no projeto de arquitetura e foi alterada. Assim, podemos afirmar, que as “coisas” deitadas para o lixo como os móveis, as roupas, os utensílios e os objetos, perderam a sua função e o seu uso, mas não perderam a sua função emocional, de recordar, de viver, de sentir a sua dimensão existencial.

3. Considerações finais

Em 2012, com o regresso da moradora à sua casa, esta prática audiovisual foi apresentada à Henriqueta Santos e sua família, que acederam à divulgação pública desta prática audiovisual: “Henriqueta, uma cartografia íntima” 2008 - 2012.

Através de “Henriqueta uma cartografia íntima” 2008 - 2012 pretende-se romper o silêncio sobre a dimensão existencial dos projetos de reabilitação que partem de espaços abstratos, sem corpo, sem tempo, neutros e vazios, pois, na verdade aquilo que encontramos normalmente são espaços vividos, com corpo, com tempo, sensoriais e cheios de “coisas”.

Para entender a dimensão existencial dos lugares cheios de “coisas”, temos que acompanhar os moradores ao longo do processo de reabilitação das suas casas, através dos significados existenciais das suas “coisas”.

Durante o processo da Rua do Cano 75 em Évora, verificamos que os móveis, roupas, utensílios e objetos que acompanharam Henriqueta durante o processo de realojamento, regressaram à casa reabilitada, dado que fazem parte da sua estabilidade existencial.

Com o realojamento, a sua relação antropomórfica com a casa alterou-se, tendo-se transitado da presença das suas “coisas” para a sua ausência na casa. E esta alteração, manifestou-se na sua instabilidade existencial, devido à rutura provocada no seu quotidiano com a sua casa.

Na casa vazia, o tempo e espaço existencial, foi como uma viagem entre o seu passado vivido e o seu futuro incerto. E nesta viagem, a sua casa que foi a sua estabilidade, é um projeto. Assim, foi essencial explicar e retirar dúvidas sobre as transformações na casa. Por outro lado, Henriqueta acompanhou a

reabilitação e foi projetando a casa com as suas “coisas”, porque reabilitar foi sinónimo de habitar.

Com a casa reabilitada, regressaram as suas “coisas” e foram compradas “coisas” para as novas funcionalidades da casa. Contudo, para o lixo foram as “coisas” que perderam o seu uso e a sua função como os móveis, utensílios, roupas e objetos, contudo, estes não perderam a sua dimensão existencial, de recordar, de viver, de sentir. Como a meia-porta que estava representada, no espaço existente do projeto de arquitetura, e foi alterada. Sem a meia-porta, Henriqueta sentese sozinha.

Assim, a política de salvaguarda e valorização do CHE assenta na preservação do seu carácter visual e esquece o seu carácter significativo, enquanto experiência do seu dia-a-dia.

Rompido o silêncio, sobre a dimensão existencial nos processos de reabilitação, reivindicar o seu direito é assumir que reabilitar as cidades é sinónimo de reabilitar o corpo de quem habita, através dos significados existenciais das “coisas” do seu quotidiano.

Referências bibliográficas

- Baudrillard, J. (1973), *O sistema dos objetos*, São Paulo: Edições Perspectiva.
- Breton, D. (2007), *A Sociologia do Corpo, Petrópolis*: Editora Vozes.
- Câmara Municipal de Évora (2000), *Plano de Urbanização de Évora*.
- Damásio, A. (1999), *O sentimento de si, Corpo, emoção e consciência*, Lisboa: Círculo de Leitores.
- Dubet, F. (1996), *A sociologia da experiência*, Lisboa: Edições Piaget.
- Fortuna, C. (2013), *Identidades, Percursos, Paisagens Culturais: Estudos Sociológicos de Cultura Urbana*, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Guerra, I. (2001), *Fundamentos e Processos de Uma Sociologia da Acção, O planeamento em Ciências Sociais*, Cascais: Principia.
- Lefebvre, H. (2006), *La production de l'espace*, Paris: Éditions Anthropos.
- Norberg-Schulz, C. (1984), *Genius Loci, Towards a Phenomenology of Architecture*, New York: Rizzoli International Publications.
- Ribeiro, J. (2004). *Antropologia Visual: da minúcia do olhar ao olhar distanciado*, Porto: Edições Afrontamento.



Figura 7 – A meia porta que foi deitada fora
Fonte: “Henriqueta, uma cartografia íntima” 2008 | 2012,